

GESTOS DESCUIDADOS EM CORPOS INDEVIDOS: QUANDO CORPO, SEXUALIDADE E HOMOFOBIA SE ENCONTRAM NA ESCOLA

CARELESS GESTURES IN IMPROPER BODIES: WHEN BODY, SEXUALITY AND HOMOPHOBIA MEET IN SCHOOL

Guilherme Rodrigues Passamani¹

Katiane Ferreira²

Resumo:

Este artigo problematiza a interseção entre corpo, sexualidade e homofobia nas escolas de Ensino Médio de Naviraí-MS. Para tanto, são analisados relatos, questionários e entrevistas com professores e professoras destas escolas a fim de mapear quais compreensões e valores estão envolvidos nesta associação. Na primeira parte do texto, faremos uma discussão mais teórica sobre corpo, corporalidade e sexualidade a partir das Ciências Sociais. Em um segundo momento, discutiremos a visão de professores e professoras sobre uma possível correspondência entre expressões e posturas corporais e manifestações

de sexualidade. Por fim, tentamos pensar como certa lógica de articulação entre corporalidade e sexualidade pode resultar em práticas homofóbicas.

Palavras-chave: gênero, sexualidade, escola, homofobia, corpo

Abstract:

This paper discusses the intersection between body, sexuality and homophobia in High Schools of Naviraí, MS. For this, we analyze reports, questionnaires and interviews with teachers of these schools in order to map which understandings and values are involved in this association. In the first section, we will

¹ Doutorando em Ciências Sociais (UNICAMP). Professor de Ciências Sociais Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/Campus de Naviraí. E-mail: gpssamani@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Ciências Sociais da UFMS, Campus de Naviraí. Bolsista de Iniciação Científica (REUNI- 2012/2013).

discuss more about theoretical body, corporeality and sexuality from the Social Sciences. In a second moment, we discuss the vision of teachers on a possible correspondence between expressions and body postures and expressions of sexuality. Finally, we

try to think how a certain logic of articulation between corporeality and sexuality can result in homophobic practices.

Keywords: gender, sexuality, school, homophobia, body

INTRODUÇÃO

A escola continua sendo um espaço fundamental de sociabilidade e formação de novos sujeitos sociais. É na escola que as crianças passam grande parte de seu tempo. É, igualmente, na escola que os adolescentes começam a socializar as inquietudes de novas fases da vida e experimentam sensações também novas.

Na escola há uma explosão de diferenças. Naquele espaço, desembocam as mais variadas formas de manifestações, códigos de linguagem, preferências musicais, estilos de vestimentas, talentos esportivos, musicais, orientações sexuais, desejos, religiosidades.

Portanto, percebe-se que a escola pode ser compreendida como um espaço plural. No entanto, a pluralidade constitutiva da escola nem sempre se estabelece sem traumas, disputas e tensões entre relações de poder contrastivas.

A busca por uma homogeneidade garantida pelo uso do uniforme, por exemplo, desdobra-se para outras dimensões. Chegando, inclusive, à sexualidade e à forma de manejar o próprio corpo. A escola, parte da sociedade, acaba sendo um espaço de ressonância de valores morais e normas sociais que extrapolam os seus limites. Dessa forma, alguns preconceitos e discriminações que estão presentes na sociedade, com facilidade, adentram os muros das escolas.

Basicamente, estamos falando da discriminação em vista da possível orientação sexual de meninas e meninos que, potencialmente, não se enquadram em modelos ideais de uma heterossexualidade compulsória. Interessante notar que as representações de uma possível heterossexualidade são compreendidas a partir de códigos e estímulos corporais.

Em outras palavras: colegas e professores identificam uma suposta fuga da norma, por parte de alguns alunos e alunas, a partir de como estes se portam com relação a seu corpo. Isto é: gestos, movimentos, linguagem, indumentária são elementos fundamentais para a categorização de uns e outras em campos que fogem a determinada matriz de inteligibilidade.

Em vista disso, são necessárias ações que coíbam este tipo de manifestação preconceituosa nas escolas, a fim de que se garanta para todos os alunos e alunas uma formação sem traumas e que lhes permitam a manifestação livre de sua sexualidade. No entanto, a tarefa não se apresenta tão simples como pode parecer a uma primeira vista.

Muitos são os tabus que rondam o corpo, a sexualidade e a associação entre eles. Há ainda um forte componente religioso em nossa sociedade que trata este debate como menor ou impublicável. Este mesmo discurso encarrega-se de erigir verdades atemporais que compartimentam e cristalizam as manifestações, práticas e vivências legítimas da sexualidade e o uso adequado do corpo.

Os resultados de uma política religiosa, biomédica, e inclusive social, de verdades excludentes gera uma

série de comportamentos violentos de alguns alunos e alunas na escola que se sentem desrespeitados quando presenciam cenas de afeto, carinho e amor entre pessoas de um mesmo sexo biológico, por exemplo.

Estas situações, cotidianas e corriqueiras possivelmente em muitas escolas brasileiras, têm mobilizado pesquisadores de muitas universidades a desenvolverem projetos, sobretudo de extensão, que problematizem a homofobia nas escolas. Em grande medida, estes profissionais e os movimentos LGBT estão preocupados em garantir uma formação continuada para professores e professoras a fim de que eles consigam agir de forma a minimizar ou erradicar tais situações.

No ano de 2010, sintonizados com estas iniciativas, iniciamos no Campus de Naviraí da UFMS, o Projeto de Extensão Formação de Professores em Gênero e Sexualidade. Em 2012 concluímos a terceira edição. Depois de duas etapas do projeto onde foram discutidos temas gerais e conceitos básicos de gênero, sexualidade e diversidade sexual, resolvemos problematizar concretamente a homofobia na escola, porque entendemos que a realidade das escolas da cidade necessita deste debate.

No presente texto buscamos problematizar a interseção entre corpo, sexualidade e homofobia nas escolas de Ensino Médio de Naviraí-MS. Para tanto, lançamos mão de relatos, questionários e entrevistas com professores e professoras destas escolas a fim de mapear quais compreensões e valores estão envolvidos nesta associação, segundo os educadores.

Na primeira seção, faremos uma discussão mais teórica sobre corpo, corporalidade e sexualidade a partir das Ciências Sociais. Em um segundo momento, discutiremos a visão de professores e professoras sobre uma possível correspondência entre expressões e posturas corporais e manifestações de sexualidade. Por fim, tentamos pensar como certa lógica de articulação de corporalidade e sexualidade pode resultar em práticas homofóbicas.

CORPO, CORPORALIDADE E SEXUALIDADE NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

O corpo, que transmite e elucida características das pessoas, entendido primeiramente como instrumento *passivo e natural* que se fazia receptáculo das construções sociais e culturais, é compreendido hoje

como um elemento dinâmico e em constante (re)construção.

Assim, o modelo que conduz a interpretar o corpo como um mero elemento vazio no qual as construções sócio-culturais trabalham ativamente para moldá-lo constitui-se em apenas uma das maneiras para pensá-lo.

As contribuições das abordagens antropológicas no desenvolvimento de novos olhares a respeito do corpo/corporalidade são importantes na esteira dos debates que se estabelecem, pois delas originaram-se estudos que até hoje são referenciais para problematizar questões atinentes a essa temática.

Sonia Maluf (2002), por exemplo, apresenta um relato histórico das análises antropológicas que enfocaram o corpo e a corporalidade. Marcel Mauss (1974), segundo ela, é um dos autores que aparecem em evidência dentro dessa perspectiva de estudos, especialmente com o artigo **As Técnicas Corporais**. Neste texto, questões ordinárias como a maneira de andar, comer, dormir e sentar, por exemplo, são analisadas antropológicamente no sentido de perceber como elas operam e manifestam-se nas diferentes culturas. Seu trabalho trouxe a percepção de que as

diversas maneiras de se utilizar o corpo modificam-se não apenas de cultura para cultura, mas também com as transformações ocorridas em diferentes períodos históricos.

Para David Le Breton (2007), como os indivíduos são dotados de capacidades próprias de escolha, eles não são corpos a deriva, sem historicidade, estão sempre inseridos em contextos sociais de interação. Nessa mesma perspectiva, Guacira Lopes Louro (2007) acredita que “os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura” (LOURO, p. 11, 2007).

As análises contemporâneas das abordagens que procuraram desnaturalizar o corpo, fazendo dele um instrumento que também produz sentido e não apenas recebe mecanicamente os valores culturais, estão promovendo uma verdadeira ruptura com as explicações biológicas e biomédicas sobre corpo e corporalidade.

Le Breton (2007) nos diz que é por meio da representação dos corpos que os indivíduos encontram a forma segundo a qual constroem suas singularidades, seja por meio de vestimentas e/ou outras “marcas”

inscritas no corpo que o fazem “excêntrico” ou legítimo dentro dos espaços que transita.

Na análise de Sillvana Vilodre Goellner (2012) o corpo e o que se diz a respeito dele na linguagem, caminham de mãos dadas no processo de construção de suas representações. Segundo ela, “com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, instituir, por exemplo, o que é considerado um corpo belo, jovem e saudável” (GOELLNER, p. 29, 2012). Assim, os discursos são bastante importantes na construção das visões que lançamos sobre os corpos.

Todos estes debates encontram eco nos trabalhos desenvolvidos por Michel Foucault (1987; 1988; 2009). Foucault estabelece uma analítica dos discursos e de outros dispositivos utilizados nas relações de poder capilarizadas na e pela sociedade a partir de um controle eficiente, pedagógico e contínuo que se exerce sobre os corpos.

Para ele, todos esses aparatos que constituem as relações de poder têm como principal finalidade tornar os sujeitos disciplinados e dóceis: “O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem

dúvidas adestrar para retirar e se apropriar ainda melhor” (FOUCAULT, p.164, 2009). Assim, questões importantes no que diz respeito ao estabelecimento de normas e tensões advindas das relações de poder podem ser entendidas por meio dessa ótica, em que ele encena nos corpos, as tensões de poder que existem na sociedade.

Foucault (1988) mostra a relevância dos discursos para a legitimação de várias condutas de comportamento, especialmente, no que tange à sexualidade expressa por meio dos corpos. Seguindo esta lógica, Guacira Lopes Louro (2012) acredita que:

as diferenças de gênero e sexualidade que são atribuídas às mulheres ou aos sujeitos homossexuais, sem dúvidas, expressam-se materialmente em seus corpos e na concretude de suas vidas, ao mesmo tempo em que são significadas e marcadas discursivamente (LOURO, p 47, 2012)

Na mesma linha de abordagem, Jeffrey Weeks (2007), comentando a respeito dos processos que levaram a sexualidade a estar em evidência nos discursos – seja na religião, na moral ou na ciência – afirma que a sexualidade é constituída a partir das relações entre as subjetividades e pessoalidades dos sujeitos

com questões mais sociais, públicas e políticas, sendo assim passível de ser problematizada histórica e sociologicamente.

Ainda na abordagem de Foucault (1988), a sexualidade é um *dispositivo histórico do poder*. Isto significa que existe, segundo o autor, uma série de códigos, normas e incentivos para que se fale, pense e reflita sobre o sexo. Portanto, os discursos, em Foucault, estão bem além dos códigos verbais da linguagem, mas apresentam-se nas instituições, na arquitetura dos lugares, nos ditos, nos não ditos, nos silêncios.

O discurso sobre a *hipótese repressiva* da sexualidade, comumente difundido pela ciência, é contestado por Foucault. Ele não negligencia uma repressão ao sexo, por meio dos poderes em relação, mas entende que este poder é mais do que repressivo, é constitutivo. Portanto, ele constitui e institui valores, verdades, saberes e regimes de prazeres. Segundo sua análise, a sexualidade é constituída por meio de discursos que legitimam e/ou valorizam certas vivências sexuais expressas por signos e comportamentos corporais tornados *normais*.

Weeks (2007) percebe a construção dos corpos e da sexualidade como motivada por uma complexa

teia de relações entre instituições cujo discurso é bastante eficiente socialmente e legitima comportamentos normal e moralmente aceitáveis. Estas instituições, *grosso modo*, são o estado, a religião e a ciência. Tais poderes, institucionais e legitimadores, delimitam a *normalidade* das representações do corpo e da sexualidade expressa em códigos, signos e performances corporais.

Esta abordagem repercute, mesmo sem os devidos créditos, no pensamento de Michel Foucault (1988) que, ao discutir a sexualidade como *dispositivo histórico* de poder, nos permite problematizar as distintas percepções existentes em nossa sociedade, herdadas de um processo longo e sofisticado de elementos que nos moldam e, discursivamente, ditam aquilo que é normal e inteligível na codificação corporal e na sexualidade das pessoas.

Estamos, assim, diante de configurações teóricas que provocaram o descolamento do sexo biológico das ideias de gênero e sexualidade. Ou melhor, de perspectivas teóricas que instituem o gênero como tendo primazia e poder constituinte sobre o sexo. Nesse sentido, Michel Bozon (2004) mostra como é importante para pensar a construção da sexualidade das pessoas,

atentar para o ambiente no qual cada um aprende e apreende o mundo, bem como a maneira como cada um se relaciona com este ambiente, pois a sexualidade é estimulada por muitos outros elementos para além do sexo biológico, tais como desejo, prazer, afeto.

Segundo Weeks, existem duas dimensões importantes a serem ressaltadas no processo de controle da sexualidade: uma diz respeito a sua subjetividade e a outra à sociedade. A primeira, é a forma como compreendemos que somos e como nos entendemos de acordo com nossa socialização nos espaços de inserção. A segunda, diz respeito a como nossa subjetividade é expressa socialmente, a saber, se ela está no *centro*, nas *margens*, ou em ambos, segundo os padrões e premissas da sociedade. Assim, ambas as dimensões são fruto da centralidade do corpo como instrumento de poder e seus desdobramentos.

Com isso, fica um pouco mais clara a relação que estabelecemos entre aquilo que estamos vendo (observando, enxergando) como evidente, dado, naturalizado nos corpos e aquilo que comumente se faz aceito como *performances de gênero* (manifestações comumente entendidas como femininas e masculinas). Estas relações são cruciais para estabelecermos

as distinções entre as sexualidades hegemônicas e não hegemônicas, bem como, entre os sujeitos que estão de (des)acordo com as normas que compõem as hegemônias em torno de determinadas sexualidades.

Assim, nosso olhar para a escola parte das compreensões de corpo e sexualidade, segundo os professores e as professoras participantes do projeto de extensão. Dessa forma, parece ser fundamental que os estudos de sexualidade, juntamente com os de corpo, tragam contribuições para o entendimento das diferenças no espaço escolar. Esta assertiva assenta-se na ideia de que é preciso desnaturalizar tanto corpo quanto sexualidade e pensá-los como dimensões construídas socialmente. Este processo de inteligibilidade precisa mostrar como estas dimensões assentam-se em processos históricos e sócio-culturais constantemente (re)construídos.

CORPO E SEXUALIDADE: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES NO AMBIENTE ESCOLAR

A escola é um espaço bastante ambíguo. Ainda que proliferem diferenças a todo tempo, ainda persiste a ideia de uniformidade e uma espécie de percepção da escola como “maquete da sociedade”. Assim, a

escola é depositária e, por vezes, lugar onde acabam sendo gestados e desenvolvidos preconceitos já naturalizados no mundo social mais amplo. Alguns destes preconceitos e atitudes discriminatórias, por serem entendidos como naturalizados, não enfrentam qualquer obstáculo para tornarem-se um entendimento cristalizado com ares de verdade atemporal.

Este entendimento vai marcar o olhar dos professores e das professoras aqui analisados. Eles estão, de maneira geral, imersos nestas compreensões mais generalistas e dadas *a priori*. Em vista disso, é que nossos colaboradores de pesquisa (professores e professoras) compreendem a feminilidade e a masculinidade de seus alunos associadas à corporalidade. Não qualquer corporalidade, mas aquela que pode ser interpretada segundo as características dos sujeitos que se expressam de formas, mais ou menos, semelhantes a ponto de permitir-se que sejam estabelecidos alguns padrões sociais de compreensão.

Via de regra, estes padrões associam diferentes categorias de articulação, tais como: gênero, raça, classe, sexualidade e geração. O tipo ideal resultante da interseção destas categorias é o sujeito homem, masculino, branco, classe-média, heterossexual e jo-

vem. Este ideal regulatório está no imaginário das pessoas e, por que não, inclusive, dos alunos nas escolas. Vive-se a expectativa de inserir-se neste modelo. Logo, os demais alunos que de alguma forma não se enquadram nessas características são vistos como, de alguma forma, *marginais*, mesmo compreendendo as categorias *centro* e *marginem* como contextuais e podendo reelaborar-se a todo instante. Não há uma fixidez nestes conceitos.

As professoras, assim, percebem alguns alunos como diferentes, pois estes (de ambos o sexos) desenvolvem algum tipo de expressão corporal ou *performances de gênero* que estão em desacordo com o esperado para um homem ou uma mulher. Estes *diferentes*, então, estariam transgredindo as normas estabelecidas que compartimentam e cristalizam homens e mulheres ideais.

Aparecem com muita recorrência nas entrevistas e nos questionários, as declarações que aproximavam determinados alunos identificados como homossexuais em vista de burlarem as rígidas normas de gênero, sobretudo por não apresentarem um desempenho facilmente identificado com *posturas de homem ou posturas de mulher*.

O não se comportar de acordo com *a maioria* é a credencial (indesejada) de pertencimento à dimensão da homossexualidade, já que quando biologicamente homens, não apresentam uma masculinidade hegemônica; e quando femininas, não apresentam uma feminilidade hegemônica. Os dados são muito lineares e pouco atentos a diferentes formas de vivência das *performances de gênero*, por exemplo, que acabam configurando variadas masculinidades e feminilidades. Louro (2007) explica que:

A despeito de todas as oscilações, contradições e fragilidades que marcam esse investimento cultural, a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, “fixar” uma identidade masculina ou feminina “normal” e duradoura (LOURO, p. 26, 2007).

As interpretações apresentadas por professores e professoras em suas declarações dizem respeito, especialmente, às formas como elas observam os movimentos corporais de seus alunos no ambiente escolar. Estamos nos referindo especialmente aos trejeitos adotados, seja de maior masculinidade entre as meninas ou maior delicadeza e sensibilidade entre os

meninos. Imediatamente, há uma confusa e complexa associação destes sinais corporais à sexualidade, ao sexo e ao gênero.

Uma de nossas entrevistadas foi a professora Elis. Juntamente com outras professoras, seu relato é exemplo dessa abordagem. Quando questionada sobre o tema sexualidade, ela nos relata que em sala de aula o tema “surge através dos alunos mais indisciplinados; quando um colega é educado, delicado, ou faz todos os deveres, é posto como homossexual (...)”. A professora Roberta nos respondeu nessa mesma perspectiva:

Por diversas vezes já ouvi o termo ‘fulano é viado’ então sempre digo que qualquer que seja a opção sexual de fulano, ele merece respeito, pois é ser humano como nós [...]. Mas os mais rudes oferecem uma resistência quanto à aceitação do tema, e eu me preocupo um pouco mais, já que tenho um aluno que possui todas as características homo (Roberta).

O lugar da homossexualidade na escola é o lugar da *diferença*. Ser homossexual é, nesta lógica, ser diferente dos demais. Na maioria das vezes, há a compreensão por parte de alunos e professores que esta suposta diferença necessariamente deve ser marcada

no corpo ou nas atitudes do sujeito. É recorrente nos relatos e nas entrevistas que a conceituação do que é um *aluno gay* passa pelo pertencimento a um estereótipo que se vale de características comumente associadas às mulheres, tais como educação, sensibilidade, delicadeza. Ora, estas deveriam ser características associadas aos seres humanos. Afinal, educação, delicadeza e sensibilidade em si não têm sexo, nem gênero e, muito menos, sexualidade.

Esta linha de raciocínio engessa as compreensões sobre a sexualidade. Nela, há uma única forma de ser homossexual masculino, isto é, ser afeminado. E apenas uma forma de se ser lésbica: ser masculinizada. No entanto, vemos que a questão é mais complexa e a diversidade de maneiras de situar-se nestas teias de relação são muito variadas. Em vista disso, é que este tipo de generalização pode ser perigoso e torna-se altamente excludente. Trata-se de uma generalização, inclusive, que impõe culpa ao sujeito na medida em que trata a homossexualidade como diferença e como opção. Logo: você optou por esta diferença (ser gay), agora assumas as consequências desta escolha deliberada.

Levamos a interpretação ao extremo. Talvez não seja esta a percepção da escola, nem das professoras que colaboram conosco. No entanto, este raciocínio

é apropriado por inúmeras igrejas e torna-se discurso comum em diversos lugares, chegando, inclusive, às escolas. A preocupação em efetivar um discurso alternativo a este deveria ser questão principal nos espaços de tomada de decisão sobre as agendas de uma educação inclusiva, cidadã, plural e democrática.

Estamos vendo que o corpo é mais que um amontoado de carnes. Ele é depositário de significados, de valores. O corpo, mais do que uma caixa cheia de células, tecidos e órgãos é um aparelho social, um mecanismo permeado por relações culturais. Tornam-se emblemáticas as palavras de Le Breton (2007):

[...] de fato, o corpo quando encarna o homem é a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros. Na medida em que se ampliam os laços sociais e a teia simbólica, provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator (LE BRETON, p. 10, 2007).

Para alguns dos nossos colaboradores na pesquisa, percebemos que o determinante é a forma como o aluno se comporta e se mostra corporalmente. Isto é evidenciado pela professora Alice quando apresenta os elementos que a fazem considerar um aluno como

homossexual:

Geralmente é o comportamento. O jeito que fala. Porque às vezes o aluno é mimado demais. Filho único fica assim. Às vezes é só mimado, mas aí a gente já pensa: “será que é gay?”. Mas no fundo a gente acaba caracterizando por isso mesmo: por ser delicado, às vezes por falar fino, por ser mais sensível, conversar demais. Porque, por incrível que pareça, a impressão que dá é que os meninos gays conversam mais (Alice).

Essas aproximações de características que meninos e meninas devem possuir são os suportes que fundamentam os olhares dessas professoras sobre seus alunos. No entanto, dentro do ambiente escolar devido a todas as dinâmicas de relacionamentos e interações, elas não são as únicas a emitir esses juízos de valor, pois em várias respostas estava a alegação de que os próprios alunos discriminam os colegas por possuírem características destoantes daquilo que é aceito e legitimado. Em síntese, atrelamos verdades a estereótipos e passamos a discriminar tudo que não faz parte do que estamos habituados a entender como *normal*. A professora Naira, outra colaboradora da pesquisa, observa a seguinte situação:

Eu trabalho com séries iniciais, entre 8 e 10 anos. Mesmo assim, percebo que existem certos alunos preconceituosos na sala, pois tenho um aluno que apresenta um pouco mais de sensibilidade e os demais colegas, algumas vezes, já o agrediram verbalmente o chamando de bichinha. Percebi que meus alunos, ainda crianças, não são diferentes dos demais: são preconceituosos como todos. (Naira)

A professora apresenta situações de sala de aula em que se dá a impressão de que o preconceito é algo que carregamos quase que geneticamente. No entanto, é bom observar que o preconceito e as atitudes discriminatórias decorrentes dele são construídas social e culturalmente. Portanto, nenhuma criança nasce preconceituosa. São valores, normas, crenças e costumes que tratam de moldar os seres humanos, fazendo-os diferentes de alguns e semelhantes a outros.

Professores e professoras, pelo menos os nossos colaboradores, não apresentam uma postura abertamente hostil às homossexualidades, por exemplo. No entanto, também não procuram dar ênfase aos debates sobre gênero e sexualidade, pois estes debates como situa a professora Elizabeth, sempre acabam na discussão sobre homossexualidade e aí há bastante repúdio, em

vista disso é que ela busca “não destacar este ou aquele sexo e gênero, mas é muito difícil. O grupo sempre faz muitas diferenças e repudia a homossexualidade”.

Percebemos que os desdobramentos dessas análises feitas por meio da expressão corporal dos alunos podem acarretar casos de *homofobia* no ambiente escolar. Guacira Louro mostra que a “produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia” (LOURO, p. 27, 2007). Em nossa pesquisa, muitas foram as declarações de professores e professoras que confessaram não saber lidar com as discriminações a alunos supostamente homossexuais:

Observo que existe um grande preconceito por parte dos alunos, visto que, fazem piadas e não aceitam compartilhar o mesmo espaço com alguém que tenha uma escolha sexual diferente. (Pamela)

Creio que a maioria aceita, ou melhor, respeita a forma com que o outro (homossexual, lésbica) age dentro da escola. Mas observei que certos alunos (principalmente do sexo masculino) não aceitam certas atividades afeminadas de seus amigos e em consequen-

ência disso acabam fazendo bullying e muitas vezes o isolando (Isis)

O que eu observo nos alunos é que ainda há muita discriminação. Sobre as pessoas que tem esses tipos de problemas, tem sim muitas desigualdades. (Sara)

As falas das professoras apresentam o problema. Ou seja: a homofobia está presente na escola. E há outro grave problema: professores e professoras não sabem exatamente o que fazer nestes casos. O grau de desconhecimento e desinformação é tanto, a ponto da homossexualidade ainda ser encarada nas escolas como “escolha sexual, atividades afeminadas ou esses tipos de problemas”.

Apenas estas respostas já justificariam a necessidade de existirem programas de formação continuada para capacitar os educadores nas temáticas de gênero, sexualidade e diversidade sexual, atentando especialmente para as questões relacionadas à homofobia. Conhecer minimamente os conceitos e as possibilidades de trabalhar com estas temáticas é fundamental para que tais constrangimentos e violências a um número crescente de alunos e alunas sejam combatidos.

O discurso de algumas professoras está pleno de

juízos morais que ainda percebem a homossexualidade como problema e escolha deliberada. Este discurso é a base de um discurso religioso ultraconservador. Não estamos aqui aferindo este lugar a nossos colaboradores, mas estamos afirmando que a falta de um discurso alternativo a este acaba por legitimá-lo. Esta legitimação da exclusão, do preconceito e da discriminação é que precisa ser efetivamente enfrentada.

CONCLUSÕES INCONCLUSAS: A HOMOFOBIA COMO PRÁTICA DELIBERADA

Precisamos esclarecer que a sexualidade de qualquer sujeito não está expressa como uma marca no seu corpo. A sexualidade não é um adereço. Ou um sinal sempre visível. Nem é linearmente ligada a *performances* de gênero que podem sinalizar maior e menor masculinidades ou feminilidades (LOURO, 2009).

No entanto, ainda que fosse, nada justificaria práticas discriminatórias e preconceituosas contra sujeitos que são/estão/apresentam-se diferentes de uma suposta maioria *normal*. Menos ainda, se admitiria que estas práticas excludentes resultassem em algum tipo de violência, seja moral, simbólica ou física.

É inadmissível pensar que pessoas são agredidas até a morte porque são gays, lésbicas, travestis ou transexuais. É mais inadmissível ainda que as motivações das agressões partam, em grande medida, de posturas e expressões corporais que, muitas vezes, não guardam qualquer relação com a sexualidade dos sujeitos. São apenas formas diferentes de manifestarem-se corporalmente.

Não é raro, e os nossos colaboradores de pesquisa mostram isso claramente, que este processo desemboca em práticas homofóbicas. Na maioria das vezes, direcionada para meninos, muito jovens ainda, que são mais sensíveis, mais tímidos, mais delicados e sem muito talento esportivo. Estes meninos são vítimas, desde tenra idade, de todo tipo de violação de suas liberdades e dos mais variados constrangimentos, até, em muitos casos, serem agredidos fisicamente.

Os desdobramentos perigosos da associação entre corpo e sexualidade por parcela da população que estabelece tipos ideias de masculinidade, de feminilidade, de heterossexualidade e de homossexualidade, acabam por tornar vulneráveis e suscetíveis à violência todos os sujeito que, por alguma razão, não se enquadram estritamente nos modelos criados. Estas

pessoas podem estar constantemente sujeitas à homofobia (JUNQUEIRA, 2009).

O termo homofobia é um termo recente. Data do século XX³. Ele nomeia o ódio e a hostilidade aos homossexuais (de ambos os sexos). A homofobia age no intuito de inferiorizar todas as pessoas homossexuais, pois estes sujeitos são percebidos como contrários a uma ordem estabelecida pela natureza. Portanto, nas palavras de Daniel Borrillo (2010), os homossexuais pertencem a um lugar de *anormalidade*.

Entendemos que o problema não deve ser alocado na seara da homossexualidade. O problema a ser enfrentado pela sociedade, e não apenas pelos professores nas escolas (mas também por eles) é o da discriminação à homossexualidade, isto é, as recorrentes práticas homofóbicas, no mais das vezes, com desdobramentos fatais.

Para Daniel Borrillo (2010), a homofobia resulta de um conjunto articulado de ideologias, condutas e

³ “Segundo Daniel Borrillo, a invenção da palavra homofobia foi de K.T. Smith no ano de 1971, como parte de um artigo publicado sobre a tentativa de compreender o funcionamento de uma personalidade homofóbica. No ano seguinte, 1972, G. Weinberg definiu homofobia como ‘o receio de estar com um homossexual em um espaço fechado e, relativamente aos próprios homossexuais, o ódio por si mesmo’” (PASSAMANI; MAIA, p. 88, 2011).

emoções cuja tônica comum é construir um lugar de superioridade e naturalidade para a heterossexualidade que resulta em desprezo das homossexualidades.

A escola não pode mais ficar alheia a este debate. Difundem-se opiniões homofóbicas em diversos setores da sociedade. Nos meios de comunicação. Na política. Nas igrejas. Enfim, a tentativa de afastar-se da homossexualidade e dos homossexuais é um desejo deliberado. Na contramão da discriminação de negros, que hoje é crime e as pessoas não o fazem com medo de punições, discriminar homossexuais ainda aparece como um valor que resguarda uma suposta heterossexualidade compulsória, especialmente, perseguida pelas pessoas do sexo masculino.

Torna-se urgente pensar seriamente, e com bastante vagar, as questões que envolvem gênero, sexualidade, diversidade sexual e *performances* corporais. Cada vez mais, é necessário que as escolas e as pessoas que as compõem não fiquem isoladas deste debate. Os limites entre universidade e escola precisam ser rompidos. Uma relação dialógica precisa ser construída. Talvez esta ponte possa e deva ser estabelecida por meio de projetos de pesquisa e extensão que problematizem estas temáticas.

Nossa iniciativa de pensar como o corpo e a corporalidade são associados a determinadas sexualidades e como isso, em alguns casos, pode resultar em práticas homofóbicas, segundo alguns relatos de professores da cidade de Naviraí-Ms, é uma pista de que há muito a ser trabalhado nas escolas. E há, também, um longo processo de formação continuada de professores, a fim de que se consiga avançar numa série de debates que já estão em desenvolvimento nas universidades, por exemplo, no que diz respeito à desnaturalização do sexo biológico, a construção social da ideia de gênero, o descolamento de sexualidade dos processos reprodutivos e a descriminalização e despatologização da homossexualidade.

Depois de tudo isso, talvez possamos chegar à conclusão de que não existem gestos descuidados, nem mesmos corpos indevidos e que o cruzamento entre corpo e sexualidade nunca resultará em homofobia, pois esta será uma realidade de outrora. No entanto, ainda estamos no princípio deste diálogo necessário e, portanto, todo o percurso ainda precisa ser empreendido. Eis o momento mais complicado. Eis, da mesma forma, o momento mais necessário.

REFERÊNCIAS

BORRILLO, Daniel. *Homofobia. História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOZON, Michel. *Sociologia da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade, Vol. I: A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. “A produção cultural do corpo”. In: LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

JUNQUEIRA, Rogério D. “Homofobia nas escolas: um problema de todos”. In: JUNQUEIRA, Rogério (org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2009.

LE BRETON, David. *Sociologia do Corpo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

LOURO. Guacira Lopes. “Pedagogias da Sexualidade”. In: LOURO, Guacira Lopes. G, L. (org.) *O Corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

LOURO, Guacira. “Heteronormatividade e Homofobia”. In: JUNQUEIRA, Rogério (org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. “Currículo, gênero e sexualidade – O ‘normal’, o ‘diferente’ e o ‘excêntrico’”. In: LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

MAUSS, Marcel. “As técnicas corporais”. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

MALUF, Sônia W. “Corpo e Corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas”. In: *Esboços: Revista do programa de pós-graduação em*

história da UFSC. Nº 9. Chapecó: UFSC, 2002.

PASSAMANI, Guilherme R; MAIA, Lenine R. “Um herói gay: uma análise sobre homofobia, militância e moralidade a partir de *Milk – A voz da igualdade*”. In. PASSAMANI, Guilherme R. (org). *Ciclo de Cinema: entre histórias, teorias e reflexões – O direito à diferença*. Campo Grande: EditoraUFMS, 2011.

WEEKS, Jeffrey. “Corpo e sexualidade”. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Artigo recebido em: 26/08/2013

Aprovado para publicação em: 06/12/2013

